

VIVÊNCIAS E PROJETOS DA POPULAÇÃO PORTUGUESA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

ADALBERTO DIAS DE CARVALHO*
ISCET

RESUMO

Neste artigo agregam-se dois estudos realizados em duas fases sucessivas da evolução da pandemia da covid-19 em Portugal: o primeiro, no mês de março, assentou na aplicação de um inquérito em que se privilegiaram questões diretamente ligadas à vivência das implicações pessoais das medidas de confinamento; o segundo, tendo sido desenvolvido no mês de maio, ou seja, já após o período mais agudo do confinamento, retomando alguns dos aspetos constantes do anterior estudo e recorrendo à difusão de um novo inquérito, contemplou também outras questões respeitantes aos eventuais projetos de viagem e, de uma forma geral, temáticas que procuravam identificar aspirações de liberdade traduzidas em planos de vida concretos.

PALAVRAS-CHAVE

Confinamento, solidão, viagens, felicidade, vivências

ABSTRACT

This article presents the results of two studies carried out in two successive phases of the evolution of the covid-19 pandemic in Portugal: the first, in March, was based on the application of a survey in which issues directly related to the experience of the personal implications of lockdown measures; the second, developed in May, after the lockdown, covered some of the topics discussed in the first study and added other issues regarding possible travel projects as well as questions that sought to identify aspirations for freedom translated into concrete life plans.

KEYWORDS

Lockdown, loneliness, travel, happiness, experiences

INTRODUÇÃO

Os estudos a que se reporta o presente artigo assentam no pressuposto de que experiências mais radicais e inesperadas de vida podem suscitar a expressão de sentimentos íntimos, perspetivas societárias e aspirações pessoais que permanecerão encobertas enquanto é possível conciliar aquelas atitudes com comportamentos social e pessoalmente controlados, inclusive em função de valores comunitários prevalecentes e até mesmo de tabus conscientes ou inconscientes (Woodside e Martin, 2015; Soica, 2016).

Na verdade, uma das grandes funções da atividade científica é a de aprofundar criticamente a abordagem de fenómenos do quotidiano, identificando as valências que constituem a complexidade do pensamento e da ação humanas, de modo a contribuir para o desenvolvimento, entre outros aspetos, da resiliência e da criatividade radicadas no perfil indelével do humano (cf. Brauer et al., 2019; Koseoglu et al., 2019). Daí a correlação que se pretendeu explorar entre sentimentos como os da solidão, da solidiedade e da ansiedade no que respeita a iniciativas muito concretas do dia a dia, como as da realização de exercício físico, atividades de lazer, relacionamento com terceiros, incluindo-se aqui amigos, familiares e animais de companhia, a par de preocupações com a vida coletiva e projetos de futuro.

Mantendo-se, conforme se referiu, o essencial destas dimensões comportamentais no segundo estudo, acrescentaram-se aqui, todavia, a relação com o tempo e com o espaço traduzida muito concretamente em perspetivas de férias, razões para as opções aqui tomadas quer em termos de destinos, quer no que se reporta a meios de transporte. A busca de felicidade (Spinoza, 2013), eventualmente implícita na alteração de rotinas e até no desejo de consumação de aspirações utópicas revelou-se aqui

* Professor Coordenador Principal.
Endereço eletrónico: adalberto.carvalho@iscet.pt

um elemento chave para a perceção das dimensões antropológicas acima identificadas.

A análise quantitativa dos dados seguiu, em ambos os estudos aqui reproduzidos, uma abordagem dedutiva, com recurso ao SPSS, com base em técnicas de análise univariada e bivariada. Os questionários dos inquiridos encontram-se em anexos.

1. ESTUDO SOBRE AS VIVÊNCIAS DA POPULAÇÃO PORTUGUESA NO CONTEXTO DO CONFINAMENTO DECORRENTE DA PANDEMIA DA COVID-19

1.1. Objetivo e amostragem

O presente estudo assenta no tratamento de respostas dadas pela net a um inquérito em que, da totalidade das 500 respostas recebidas de pessoas do norte e centro de Portugal, foram consideradas 400, com idades compreendidas entre os 16 e os 75 anos. O referido inquérito teve como principal objetivo apurar indicadores que permitam uma reflexão sobre a forma como a epidemia da covid-19 está a ser sentida e vivida pela população, designadamente quanto aos seus efeitos em termos relacionais e de experiências de solidão. As respostas obtidas de respondentes de níveis etários superiores não foram consideradas por serem em número muito escasso, o que possivelmente se explica por falta de disponibilidade dos mais idosos para este efeito tanto por falta de domínio das tecnologias informáticas como pela preocupação primeira com as questões vitais em que estarão centrados. Realce-se esta primeira constatação: 91% dos inquiridos, repartidos em proporções semelhantes por homens e mulheres bem como pelos diferentes níveis etários, declaram que assumem e praticam sistematicamente o confinamento na habitação.

1.2. Indicadores existenciais

Sentem-se mais sós raramente ou algumas vezes, respetivamente, 26% e 30% dos inquiridos, enquanto nos extremos 25% nunca se sentem sós e 19% muitas vezes. As mulheres, em 21% das respostas, sentem-se mais sós

do que os homens (13%). No que respeita a escalões etários, as percentagens mais elevadas surgem entre os 60-70 anos, com 30% dos inquiridos a responderem que o sentem muitas vezes, em contraste nomeadamente com o grupo dos 20-30 anos em que apenas 13% se sentem sós. Curiosamente, um total de 70% declarou que os amigos os procuram com muita ou alguma frequência e 74%, o mesmo em relação aos familiares, verificando-se ainda que em 88% dos casos esses familiares e amigos os acolhem muitas ou algumas vezes quando tomam a iniciativa de procurar, sendo de realçar que as mulheres se sentem muitas vezes mais bem acolhidas (35%) do que os homens (24%). Curiosamente, é nos escalões etários dos mais jovens e dos mais idosos que se sente melhor acolhimento por amigos (45% entre os 16 e os 20 anos, 44% entre os 60-70 anos e 50% entre os 70-75 anos) e pelos familiares (idem, 50%; idem, 48% e 50%), o que demonstrará um maior cuidado com os que mais possam necessitar de apoio.

Quanto a comportamentos, de salientar que as percentagens mais elevadas, em ambos os casos com 41%, se reportam aos que raramente se têm irritado ou discutido com as pessoas que lhes estão próximas, sendo as irritações mais evidentes nos indivíduos do género masculino, com 46%, contra os 26% das mulheres. Os que menos se irritam (acima dos 25%) situam-se nos grupos etários após os 50 anos e os que declaram irritar-se muitas vezes estão maioritariamente no grupo dos 25-30 anos, com 22%. Há, todavia, mais homens a dizer que nunca discutem e entre as mulheres apenas 29%. Por grupos etários sucede fenómeno idêntico ao da irritação. As atitudes solidárias transparecem nas respostas às perguntas acerca dos aconselhamentos dados a amigos e familiares sobre a melhor maneira de viver este período de confinamento com 77% dos inquiridos a fazerem-no com muita ou bastante frequência e 71% a receberem-nos de igual modo. Destaca-se aqui o escalão etário dos 70-75 anos em que 75% dá e recebe conselhos muitas vezes. A maioria (69%) manifesta mesmo que sente agora mais necessidade de ajudar os outros, com 31% das mulheres a revelar que o sentem muitas vezes e os homens 14%. Curiosamente só 4% acha mais vezes que os laços familiares vão ficar menos fortes,

sendo a percentagem igualmente muito baixa (3%) dos que sentem que vão perder amigos.

No que respeita a emoções e à sua expressão em atitudes, verifica-se que 30% dos inquiridos sente com muita frequência que está a perder tempo de vida, com uma maior percentagem das mulheres que o sente muitas vezes (32%) relativamente aos homens que aqui se ficam pelos 25%. São 24% os que na totalidade nunca pensam nessa possibilidade. Os restantes pensam nisso raramente (25%) ou algumas vezes (21%). Assinale-se que é no grupo etário dos 70-75 anos que mais se sente estar a perder tempo de vida, respondendo aqui 75% dos inquiridos que o sente muitas vezes, a que acresce o facto de nenhum ter afirmado sentir alegria com muita frequência e de terem indicadores baixos de esperança. Revela-se assim a importância de se dar especial atenção às consequências psicológicas e comportamentais que o confinamento estará a ter nos mais idosos.

Entretanto, o conjunto mais significativo, com 67%, nunca ou raramente sente vontade de chorar (com 59% dos indivíduos do género masculino a afirmarem que nunca o sentem, contra 36% do género feminino), experimentando, todavia, também nunca ou raramente alegria 54% das pessoas que responderam ao inquérito (com 17% dos homens e 27% das mulheres a responder nunca).

A ansiedade é sentida algumas vezes ou muitas vezes por 58% dos inquiridos, com 30% das mulheres a responderem que a sentem muitas vezes, contra 14% dos homens. Contudo, 83% declaram nunca tomar sedativos, tendo já alguma expressão os que estão a comer mais algumas ou muitas vezes (53% no total, diferenciando-se as mulheres, com 26%, que dizem estar a comer muitas vezes mais enquanto os homens, com 14%, o dizem com essa dimensão). Este comportamento pode ter a ver tanto com a ansiedade como com uma maior disponibilidade de tempo, como ainda com uma combinação entre estes dois fatores.

Em abstrato, a esperança de que a vida melhore é partilhada, numa taxa elevada e no conjunto dos que assim o sentem algumas ou muitas vezes, por 82% dos inquiridos, o que é aparentemente contrariado quando à questão concreta sobre a perspectiva de o país ficar economi-

camente pior, 90% das respostas manifestarem com mais frequência esse receio a que se pode associar a preocupação com o que se passa noutros países, a qual é assumida por 93% dos respondentes. Destaque-se que na faixa etária dos 70-75 anos 100% dos respondentes declarou recear muitas vezes que o país fique economicamente pior e é aqui, com 25%, que se regista a taxa mais baixa de pessoas que têm esperança que a vida vá melhorar.

As respostas à pergunta sobre a importância dos animais de companhia têm aqui uma importância complementar, atingindo o patamar dos 61% as que mais os valorizaram, o que constitui uma percentagem elevada se admitirmos que muitas pessoas os não têm, o que talvez justifique pelo menos em parte os 35% de respondentes que não os valorizaram.

1.3. Atividades quotidianas

No que respeita a saídas de casa, uma minoria (3%) declara ir muitas vezes ao supermercado (74% vai raramente ou algumas vezes, sendo que o maior contraste surge entre o nível etário dos 70-75 anos em que 50% declara nunca ir e o dos respondentes do nível etário 20-25 anos que se fica aqui pelos 28%). Poucos respondentes declaram sair para comprar tabaco (2%) ou para ir à farmácia (1%), tendo aqui expressão o facto de 81% nunca saírem para comprar tabaco, contudo, em muitos casos por possivelmente não fumarem.

A preocupação com o exercício físico parece não estar na linha da frente das preocupações ao constatarmos que 50% (mais as mulheres com 55% do que os homens com 36%) afirmam nunca sair para caminhar um pouco (o grupo entre os 40-45 anos tem aqui a percentagem mais elevada com 58%, em contraste nomeadamente com o grupo entre os 70-75 anos com a percentagem de 25%). 84% dos respondentes declaram nunca fazerem passeios longos (o que aqui pode ser também explicado por maioritariamente se estar a respeitar o confinamento na habitação), distribuindo-se os praticantes de exercícios físicos em casa equitativamente pelas várias possibilidades apresentadas, ou seja entre os 20% e os 29%. Porém, saliente-se aqui

que são os indivíduos do género masculino, com 32% que mais respondem dizendo que nunca os praticam do que as mulheres, com 20%.

Em termos de atenção às notícias, 78% declaram que dedicam um tempo significativo a ler, ver ou ouvir notícias (42% as mulheres, 34% os homens). É no escalão etário dos 70-75 anos que se destacam, com 75%, os que mais acompanham as notícias. De destacar que é a televisão, com 54%, que atinge os resultados mais elevados em contraste com a rádio que, no patamar mais elevado de ouvintes, não ultrapassa os 14% (33% no total dos que a ouvem muitas e algumas vezes), registando-se que 51% dos homens nunca ouvem contra 36% das mulheres. Ainda no que se refere à televisão, são os grupos etários mais elevados que a veem mais: sempre acima dos 50% após os 30 anos, atingindo os 75% no grupo etário dos 70-75 anos. No que respeita aos jornais, 11% leem-nos muitas vezes (13% as mulheres, 8% os homens), verificando-se que 35% são os que, em conjunto, os leem muitas e algumas vezes), registando-se uma cifra de 43% de indivíduos que nunca os leem (46% as mulheres, 36% os homens) sendo que, por outro lado, 41% nunca ouvem rádio (39% as mulheres, 51% os homens). No âmbito dos grupos etários, são os mais jovens que afirmam nunca lerem jornais (58% entre os 16-20 anos e 56% entre os 20-25 anos), contrastando com o grupo entre os 60-70 anos em que apenas 17% se pronuncia nesse sentido. Atente-se que 54% dos inquiridos utiliza assiduamente as redes sociais (59% as mulheres, 37% os homens) para captar informação, verificando-se que, se juntarmos esta cifra aos 23%

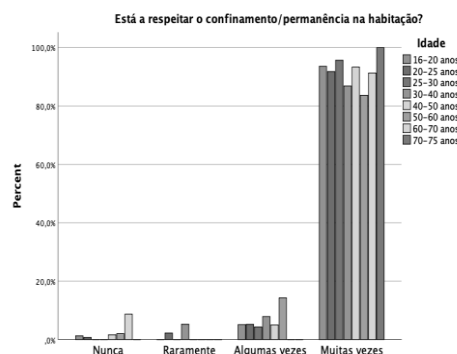
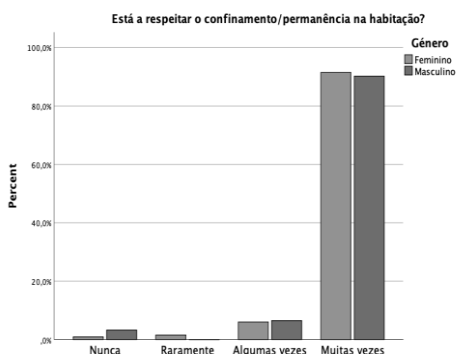
dos que o fazem ainda que menos vezes, a percentagem sobe para os 77%. O escalão etário entre os 16-20 anos, com 74%, é o maior consumidor das redes sociais. Importa aqui todavia salientar que não se apurou quais eram os hábitos anteriores. Pode-se entretanto conjecturar que tenha havido uma queda na leitura de jornais (em papel, presume-se) pela ausência de notícias desportivas e pelo receio do seu manuseamento pelos alegados riscos de contaminação. No que respeita à rádio, terá importância a circunstância de as pessoas estarem a utilizar muito menos os automóveis.

O uso da internet em geral atinge o patamar dos 94% dos utilizadores que a ela recorrem muitas vezes, representando significativamente os que nunca a usam uns escassos 0,7%, aqui com destaque para o grupo etário entre os 70-75 anos em que se regista uma percentagem de 25% que nunca consultarão a internet.

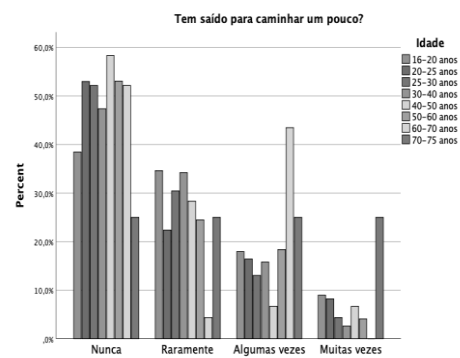
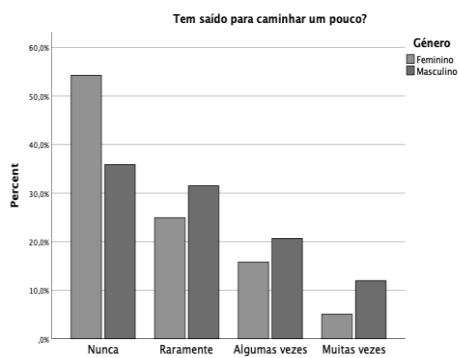
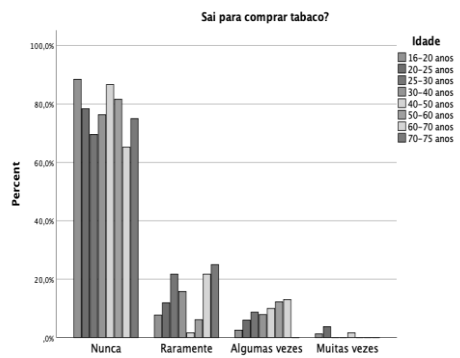
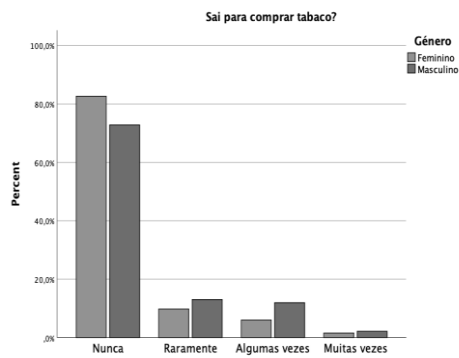
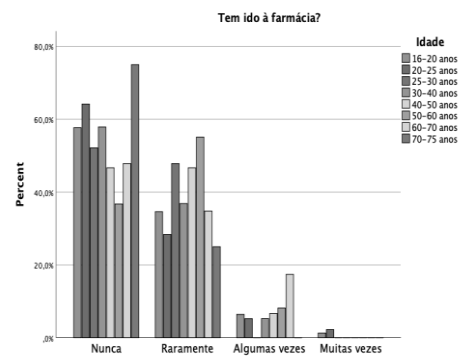
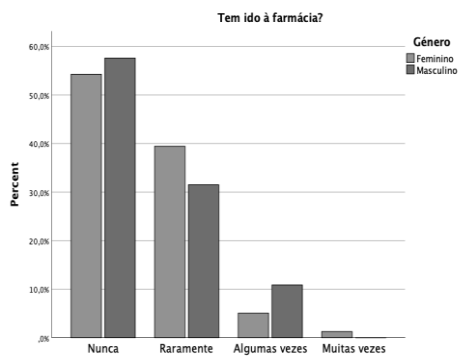
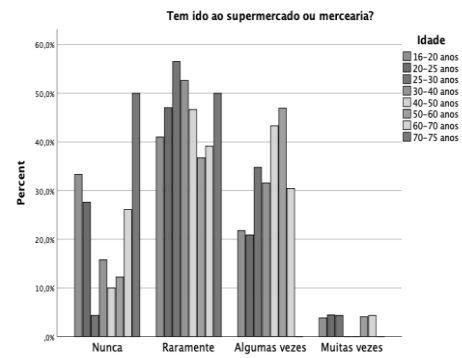
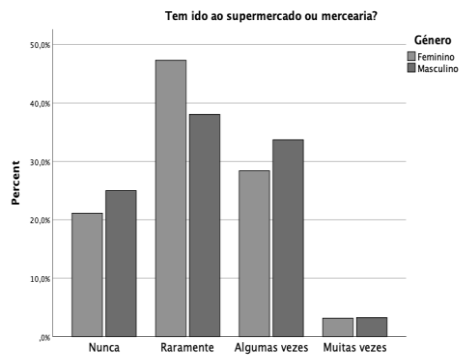
As revistas e os livros – situados entre a informação e o lazer – têm 18% de pessoas a lerem-nos muitas vezes e 30% a nunca os lerem. É porém curioso reter que 52% os leem raramente ou algumas vezes.

Nas outras formas lúdicas de ocupar o tempo constata-se que as percentagens significativamente mais altas estão nos que nunca jogam cartas ou jogos de tabuleiro (55%), nem participam em jogos no computador (47%).

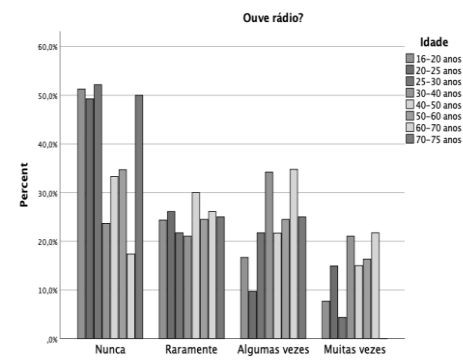
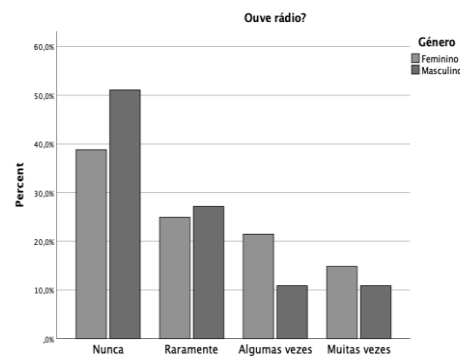
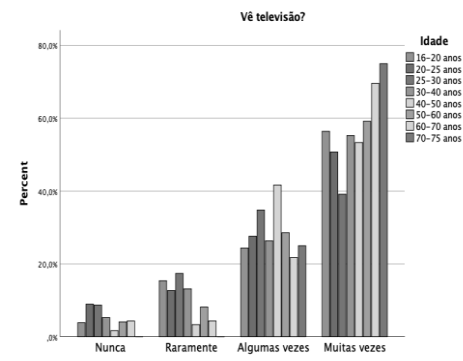
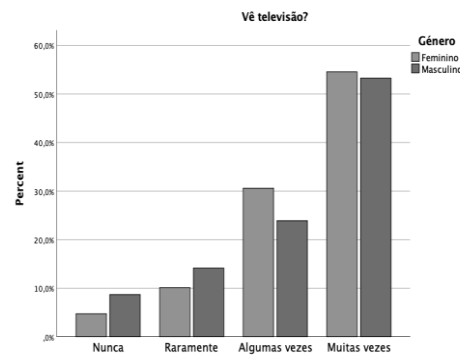
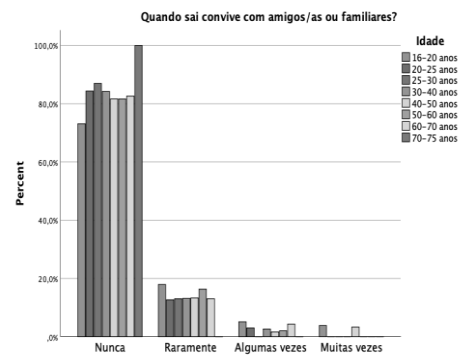
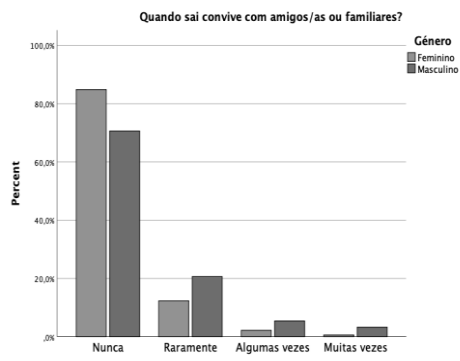
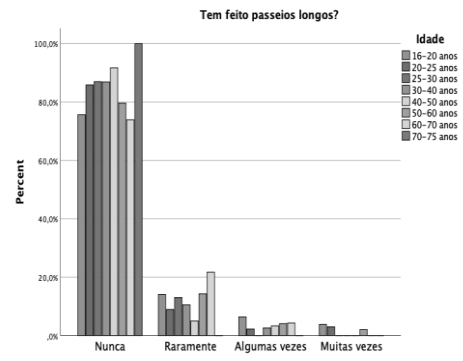
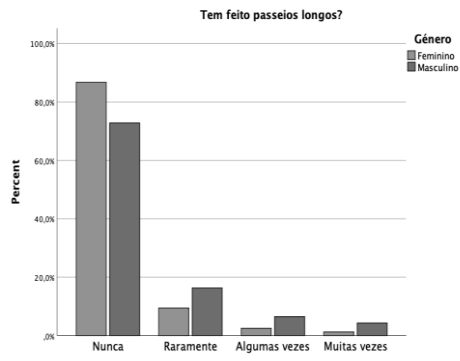
As atividades religiosas não são praticadas por 74% dos inquiridos, eventualmente por os atos religiosos públicos estarem suspensos, não se conhecendo também, contudo, os hábitos anteriores.



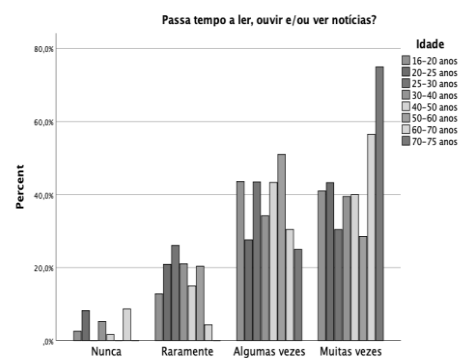
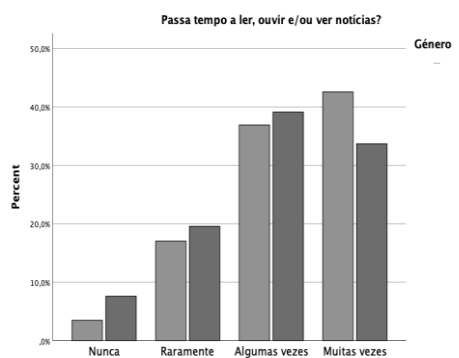
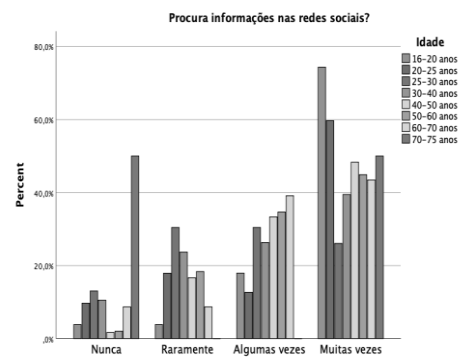
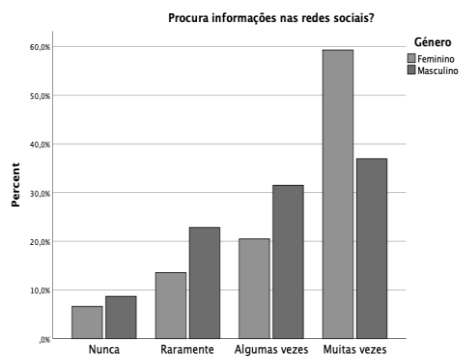
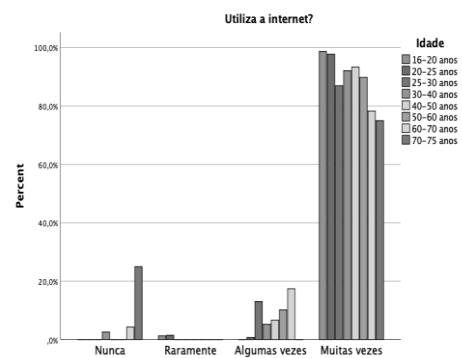
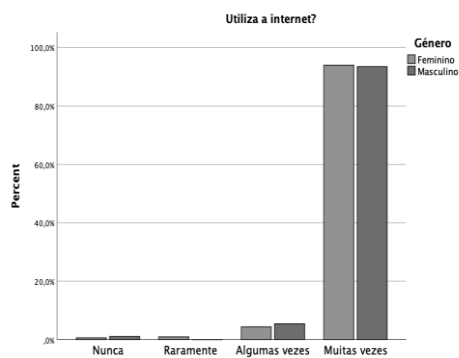
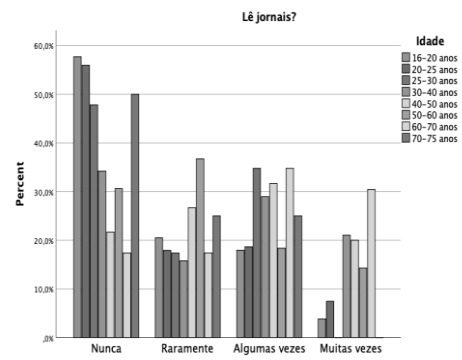
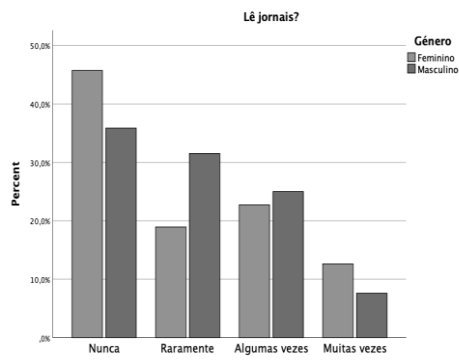
Vivências e projetos da população portuguesa no contexto da pandemia da covid-19



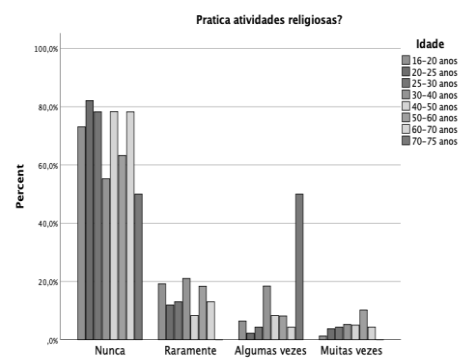
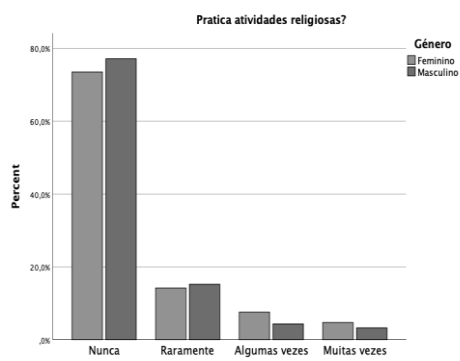
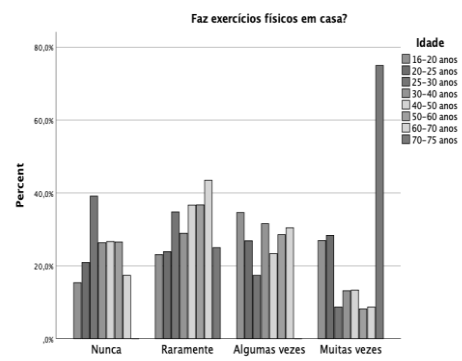
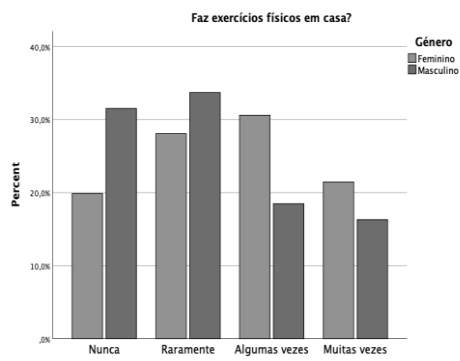
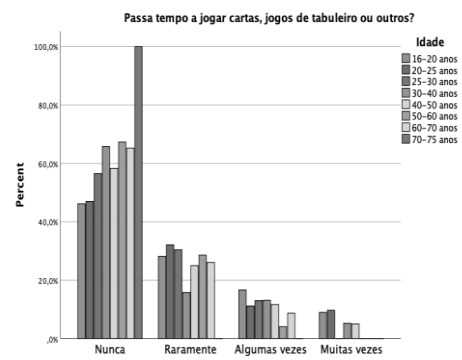
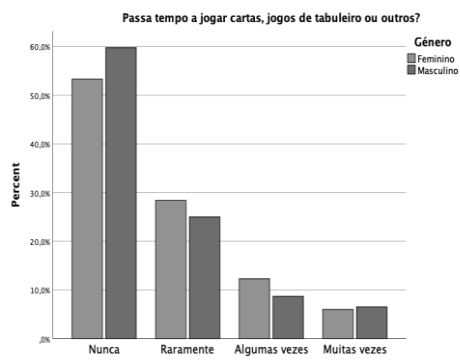
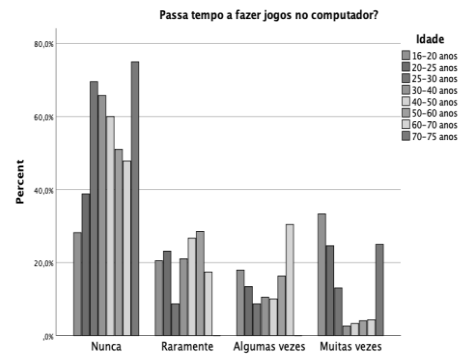
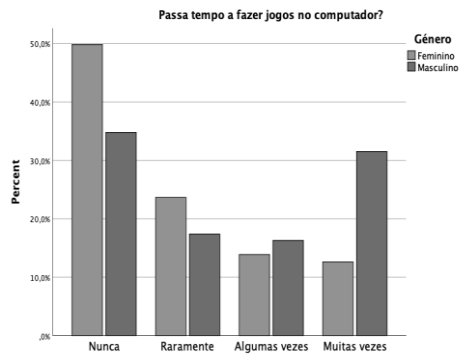
Percursos & Ideias



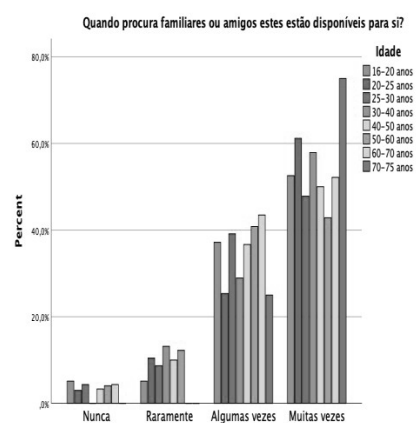
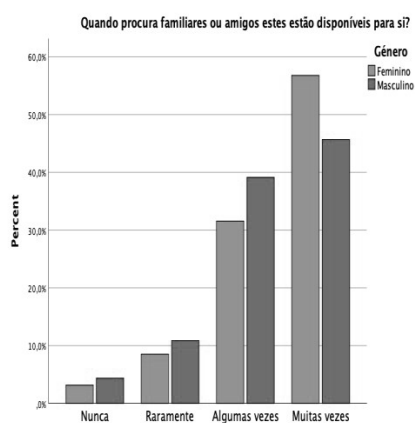
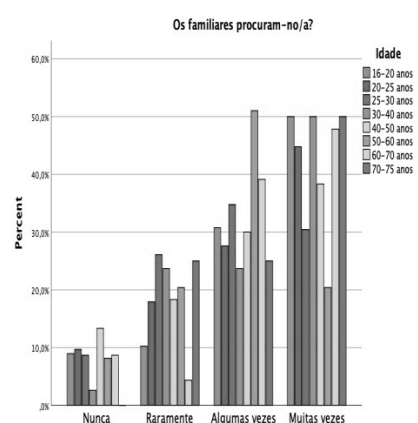
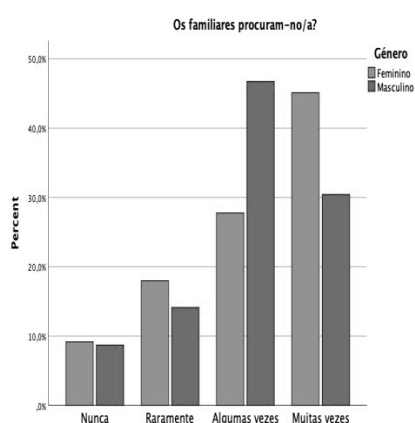
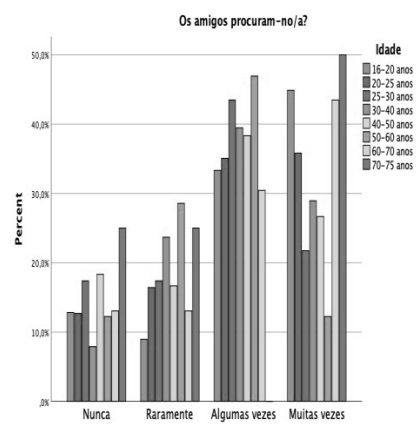
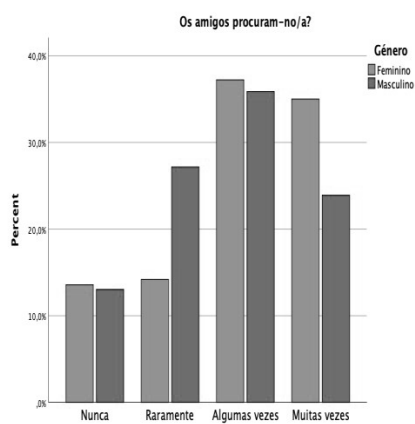
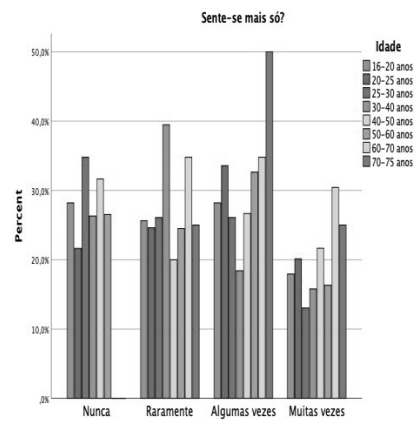
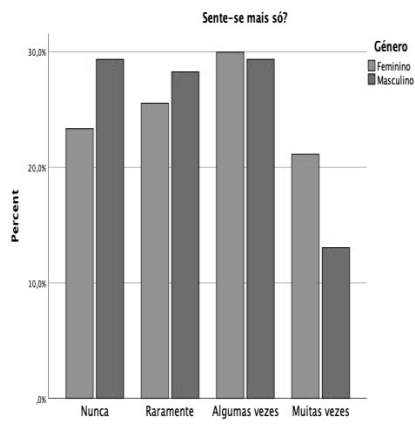
Vivências e projetos da população portuguesa no contexto da pandemia da covid-19



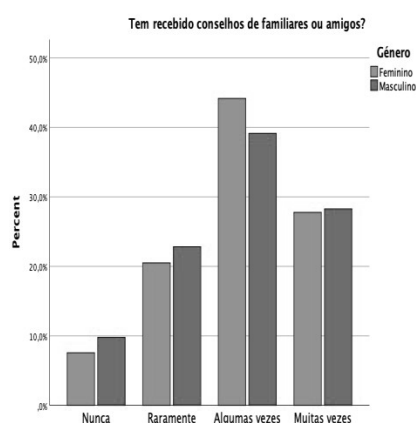
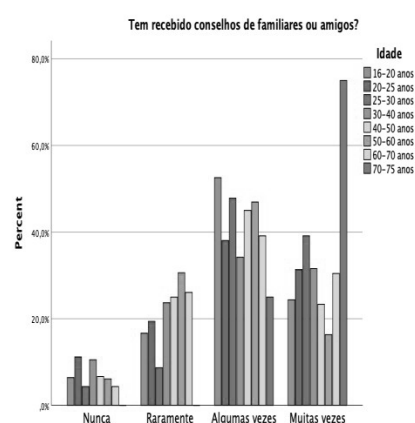
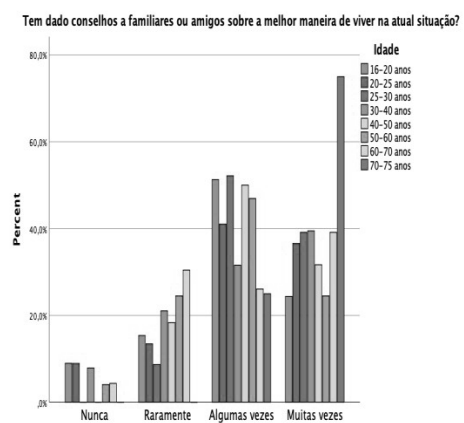
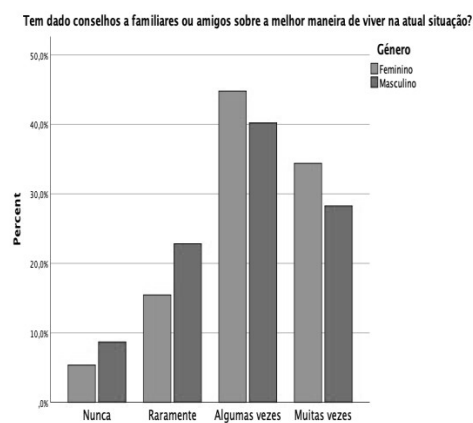
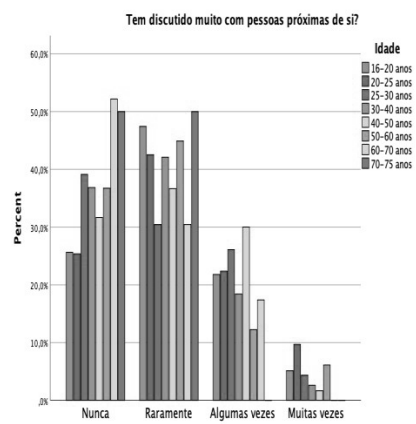
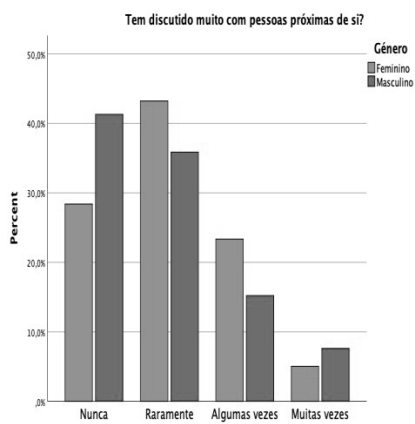
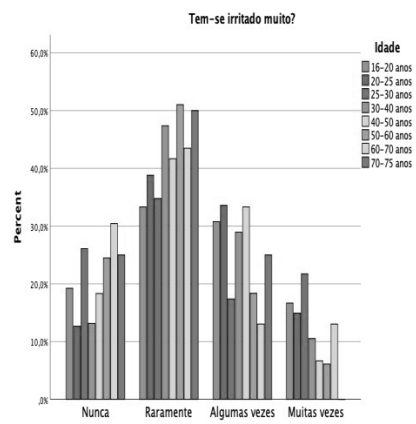
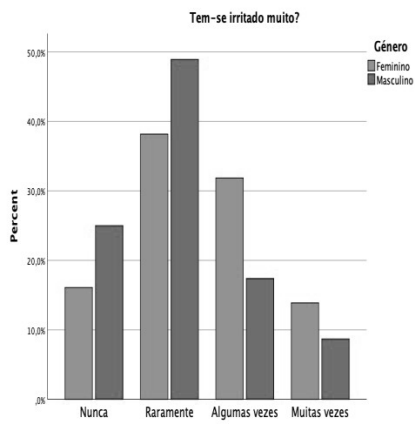
Percursos & Ideias



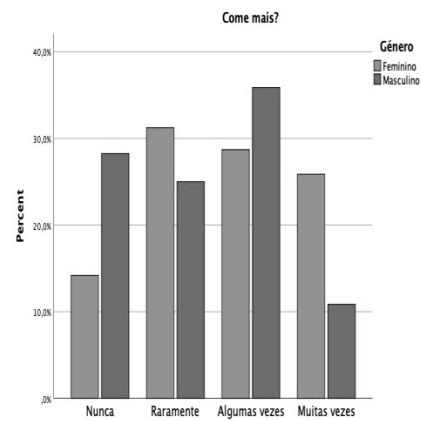
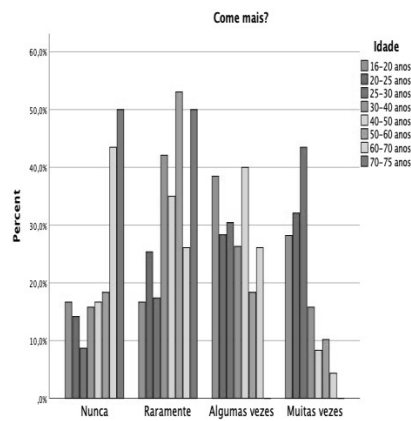
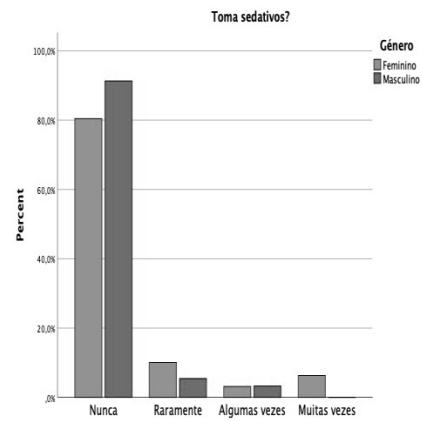
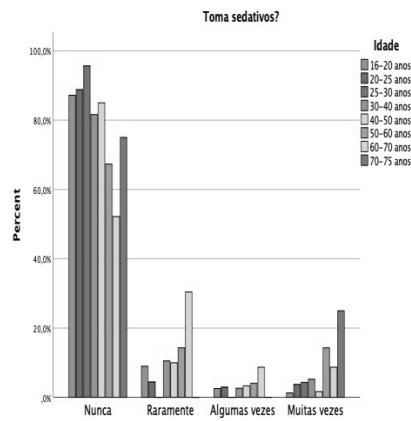
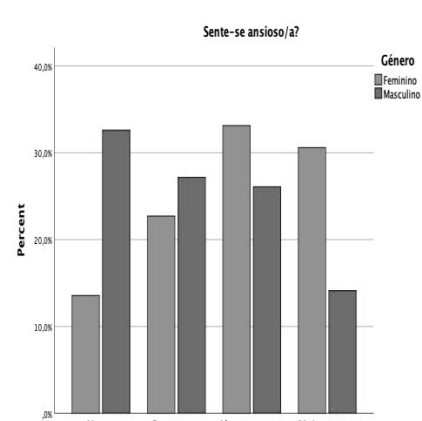
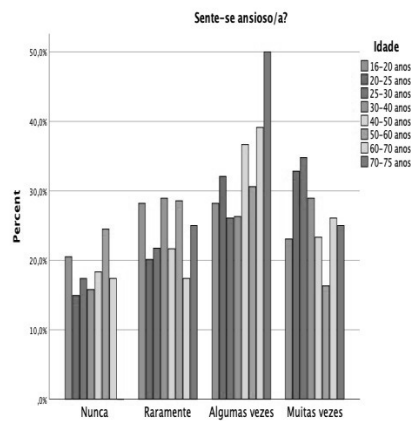
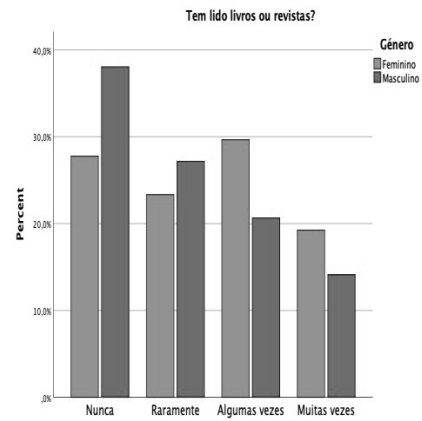
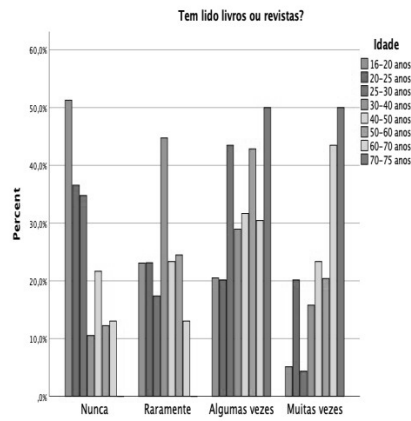
Vivências e projetos da população portuguesa no contexto da pandemia da covid-19



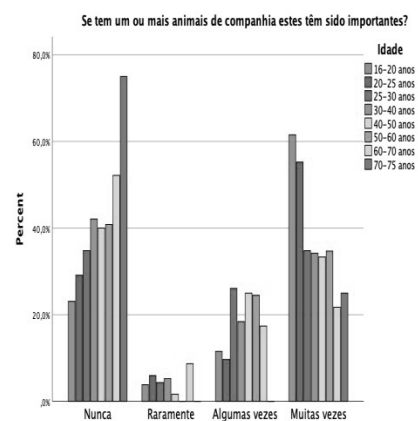
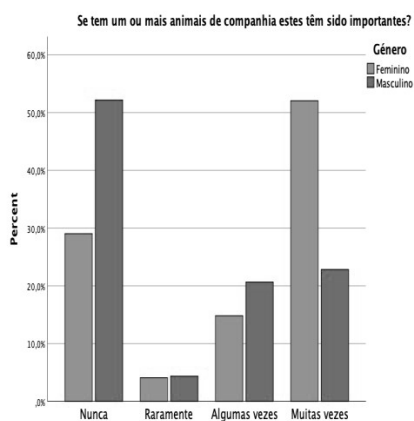
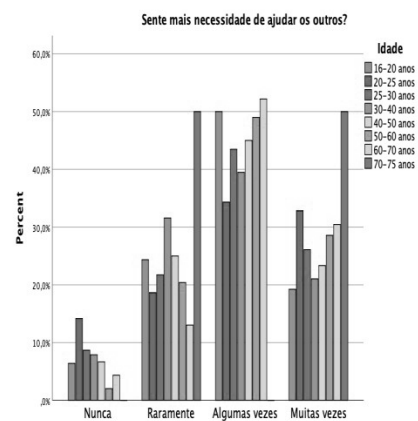
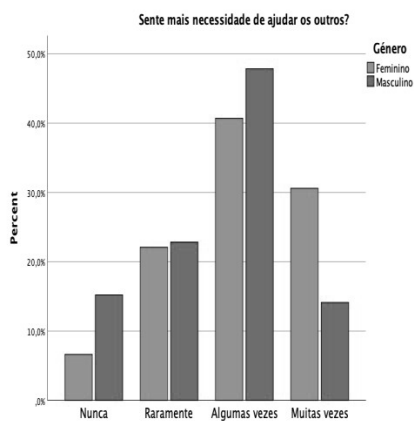
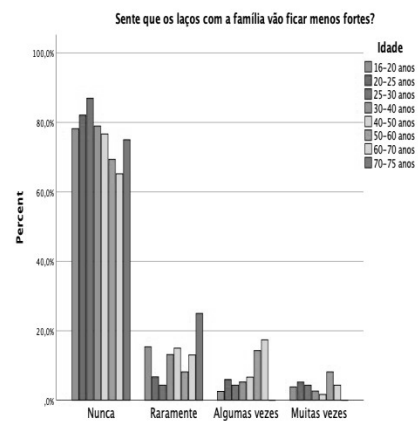
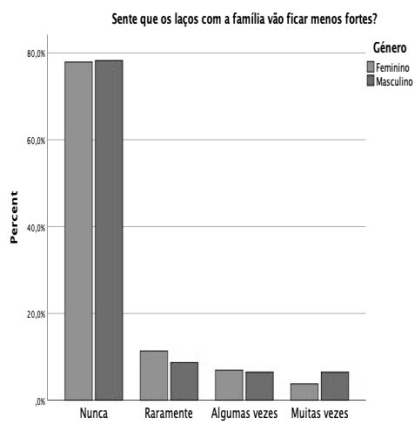
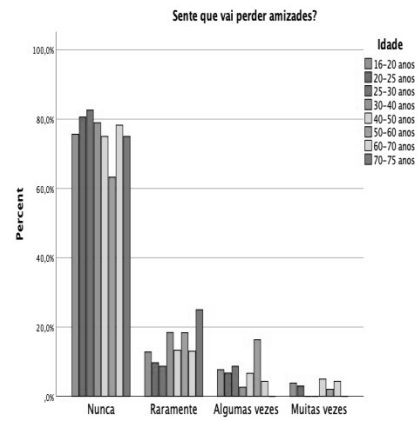
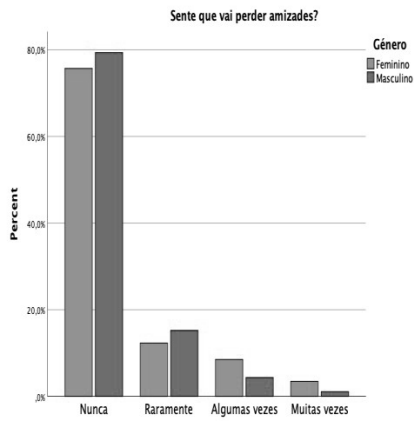
Percursos & Ideias



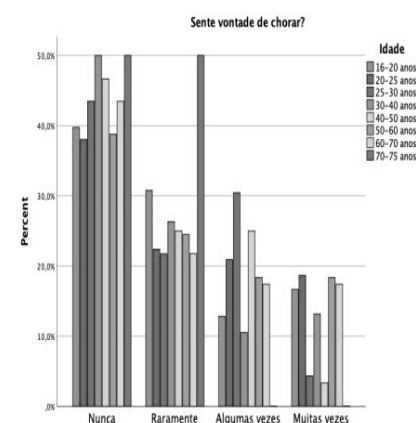
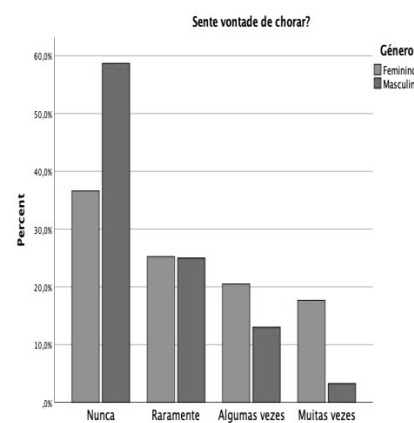
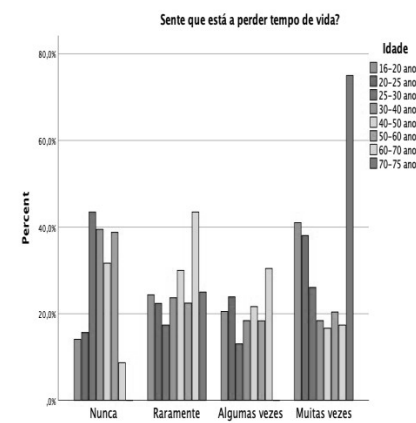
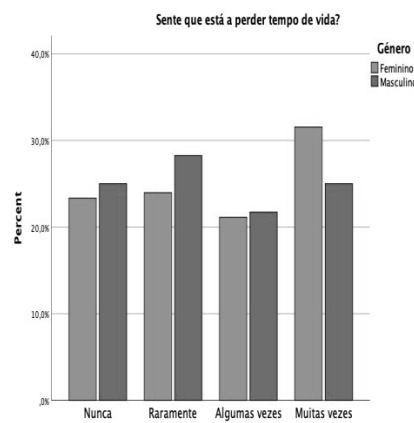
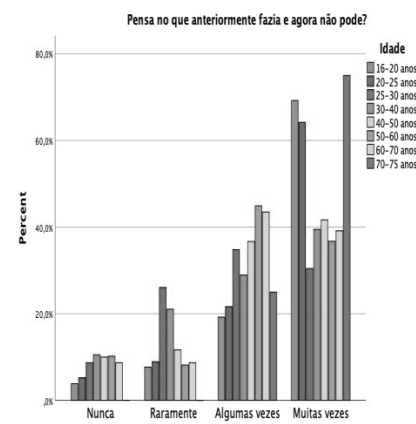
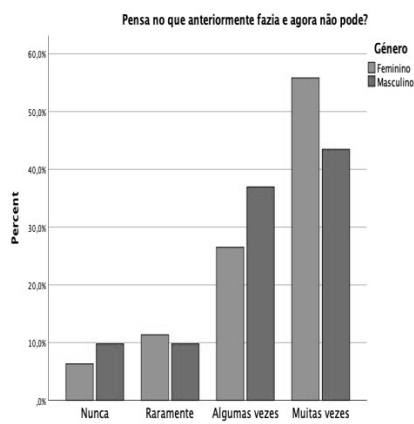
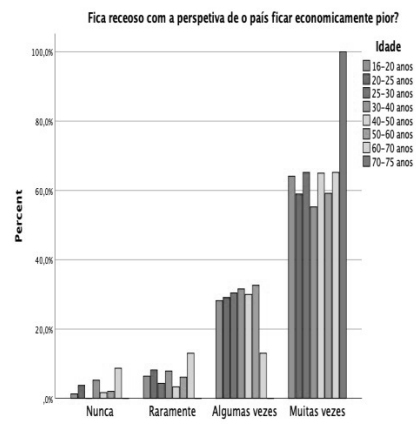
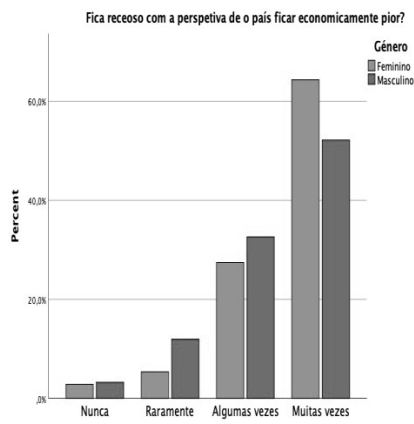
Vivências e projetos da população portuguesa no contexto da pandemia da covid-19

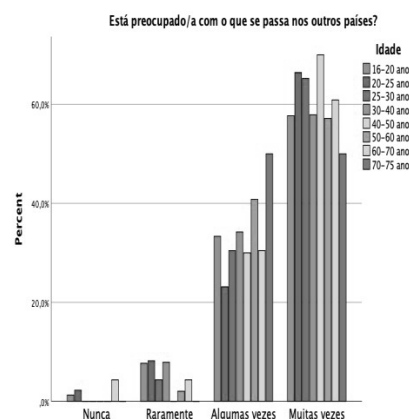
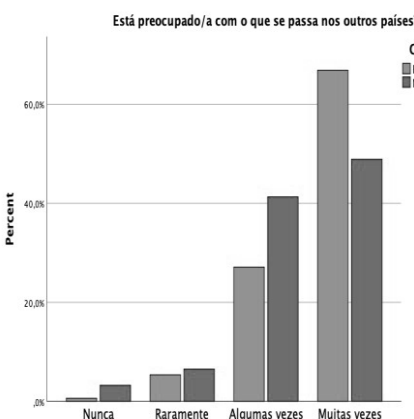
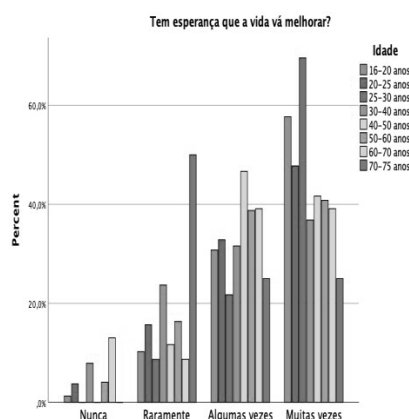
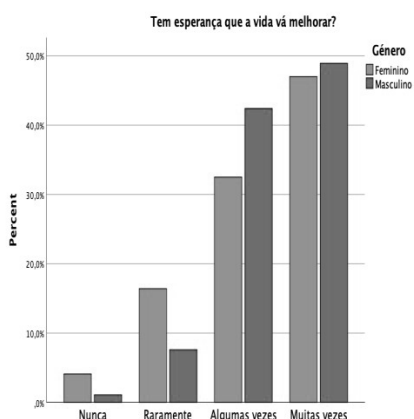
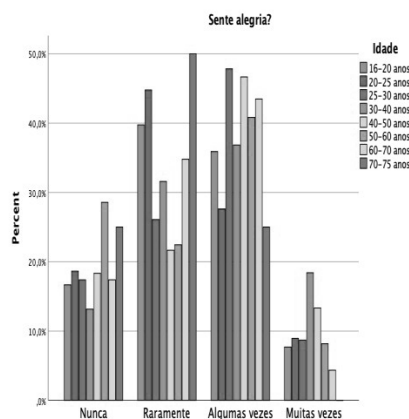
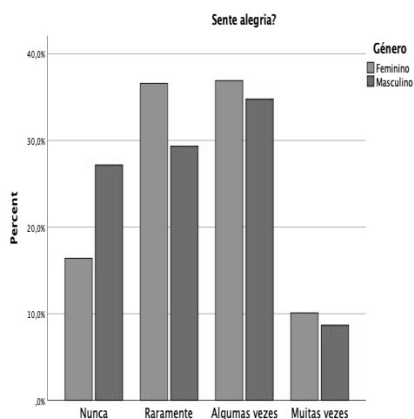


Percursos & Ideias



Vivências e projetos da população portuguesa no contexto da pandemia da covid-19





2. ESTUDO SOBRE SENTIMENTOS, ATITUDES E PROJETOS DAS PESSOAS NO PERÍODO DE DESCONFINAMENTO DA PANDEMIA COVID-19

2.1. Objetivo e amostragem

O presente estudo tem como referencial um inquérito que decorreu entre 18 e 26 de maio, procurando avaliar os sentimentos, atitudes e projetos assumidos por pessoas

de todo o país no contexto do período de desconfinamento resultante da atenuação das medidas impostas no âmbito do estado de emergência. A amostra é de 700 inquiridos por via eletrónica, valorizando-se a sua representatividade não apenas pelo teor das opções manifestadas pelos respondentes como também pelo seu perfil sociodemográfico. Tendo sido o inquérito enviado aleatoriamente dentro da medida do possível, naturalmente limitado pela utilização de recursos informáticos, os inquiridos que responde-

ram têm na sua maioria idades até aos 75 anos (99%), são do género feminino (73%), são casados ou vivem em união de facto (61%), são do norte ou centro litoral (72%) e estão empregados (69%), exercendo 52% as suas funções em teletrabalho (56% as mulheres).

2.2. Indicadores existenciais

O inquérito começa por colocar questões que se reportam essencialmente às repercussões do confinamento nos sentimentos existenciais das pessoas:

- Alguns dados ressaltam pela sua expressividade quantitativa. Desde logo, a percentagem dos que, na generalidade, afirmam manter-se em casa, certamente quando não saem por razões imperativas: 77%, sem prejuízo de 64% considerarem não ter medo de sair. Entre estes, afirmam maioritariamente não ter medo de sair 76% dos indivíduos do género masculino. A percentagem das mulheres que permanecem em casa sobe para 81%. Importante é também a percentagem dos que dizem não conviver atualmente com mais pessoas amigas do que antes da pandemia, a qual se situa na casa dos 95%, sendo 77% os que exprimem idêntica situação no que concerne aos familiares.
- Percentagem elevada é igualmente a dos respondentes que assumem ter esperança que a vida melhore nos próximos tempos: trata-se de 83% das pessoas, destacando-se 87% dos homens, num quadro em que 85% acham que a vida não está melhor e 64% sentem não ser mais felizes no contexto da pandemia. Curiosamente, quando a questão é colocada de forma inversa, 72% consideram não ser mais infelizes. Talvez se possa deduzir que o sentimento de felicidade não sofreu oscilações significativas.
- 2.3. Já no que respeita à sensação de estar a perder ou de ter perdido tempo de vida, 57% respondem negativamente (59% as mulheres) mas 61% afirmam dar atualmente mais importância à vida do que antes, subindo esta percentagem para 64% no caso das mulheres. Curiosamente, 66% dos jovens entre os 16 e os 20 anos, dos quais 97% se tem mantido prioritariamente em casa, sentem que perde ou perdeu tempo de vida durante o confinamento; dos jovens entre os 20 e os 25 anos, 88% mantêm-se em casa e 67% sentem estar a perder tempo de vida; no escalão etário entre os 25 e os 30 anos, 79% mantêm-se em casa, todavia só 26% afirmam estar a perder tempo de vida; entre os 30 e os 40 anos 77% revelam manter-se em casa, sendo que 40% sentem estar a perder tempo de vida; 74% dos respondentes entre os 40 e os 50 anos continuam igualmente na sua residência e 38% consideram não estar a perder tempo de vida; entre os 50 e os 60 anos permanece elevada (75%) a percentagem dos que ficam em casa e só 33% acham ter perdido tempo de vida; já entre os 60 e os 70 anos, permanecendo também a maioria em casa (75%), verifica-se que sobe a percentagem dos que sentem estar a perder tempo de vida: 49%; tendência esta que se confirma no escalão etário entre os 70 e os 75 anos, em que estando a mesma percentagem de inquiridos normalmente em casa, no que se refere ao sentimento de estar ou não a perder tempo de vida, as respostas repartem-se em igual percentagem pelas duas opções, fenómeno que se acentua entre os 75 e os 80 anos em que, permanecendo a totalidade dos inquiridos em casa, 100% reconhece estar a perder tempo de vida.
- No que respeita a saídas de casa no período a que respeita o inquérito, registam-se os seguintes dados: 35% saem para trabalhar (57% mulheres), 68% para ir às compras (53% do género feminino), 13% para se distraírem (de entre estes, 64% do género feminino), 34% para fazer exercício (70% do género feminino também) e 13% para ir ao cabeleireiro/barbeiro (72% são mulheres). Fazem as suas saídas a pé 51% das pessoas (64% do género feminino), de bicicleta 6% (com percentagens idênticas nos dois géneros), de mota 2% (80% de entre estes são homens) e em meio de transporte coletivo 3%, dos quais 65% são igualmente homens.

2.3. Atividades quotidianas

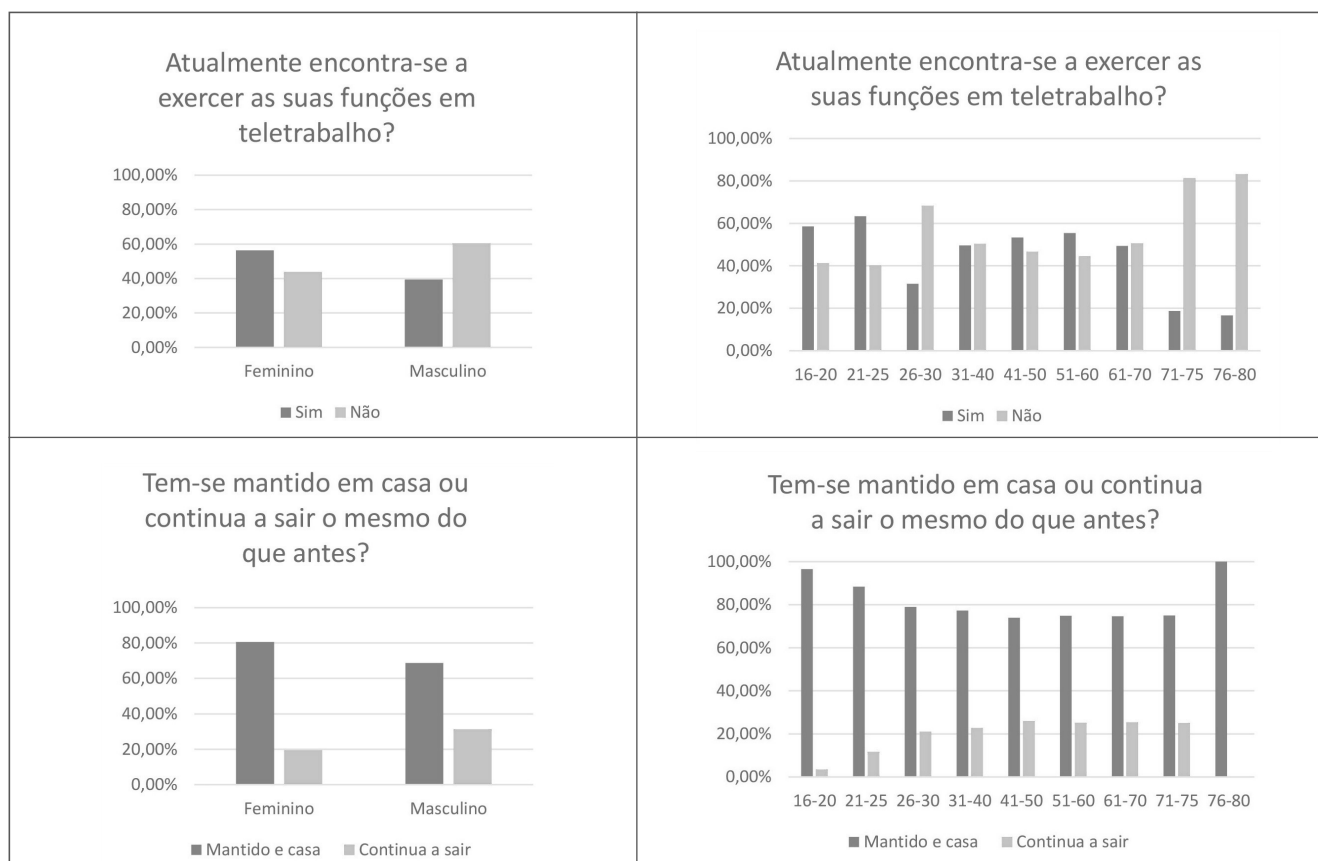
Numa segunda parte, o inquérito procura apurar a perceção dos condicionamentos dos inquiridos no que respeita à relação com o meio exterior e à possível conexão do desconfinamento com sentimentos de evasão e designadamente com as férias.

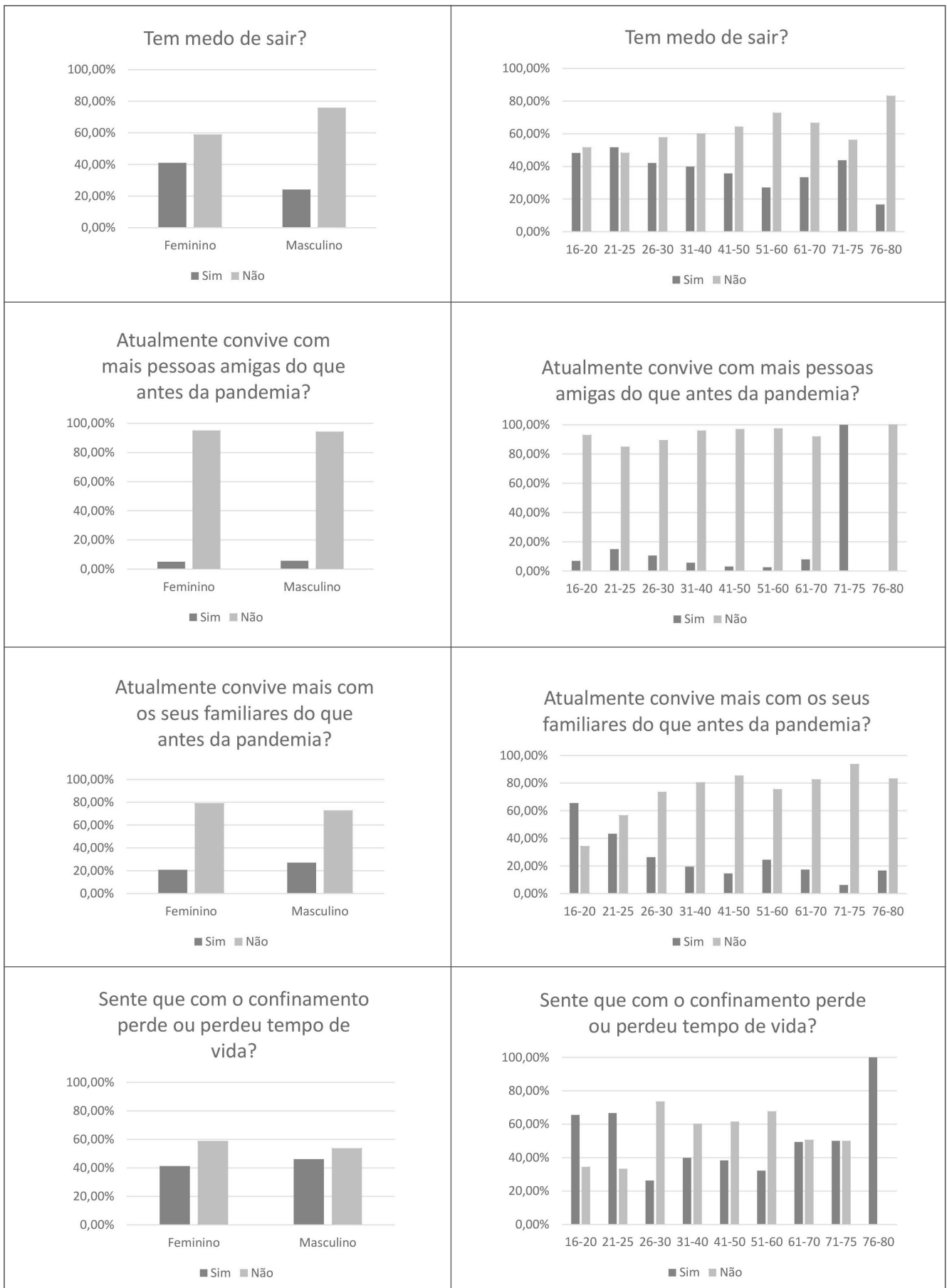
Destacam-se aqui os seguintes resultados:

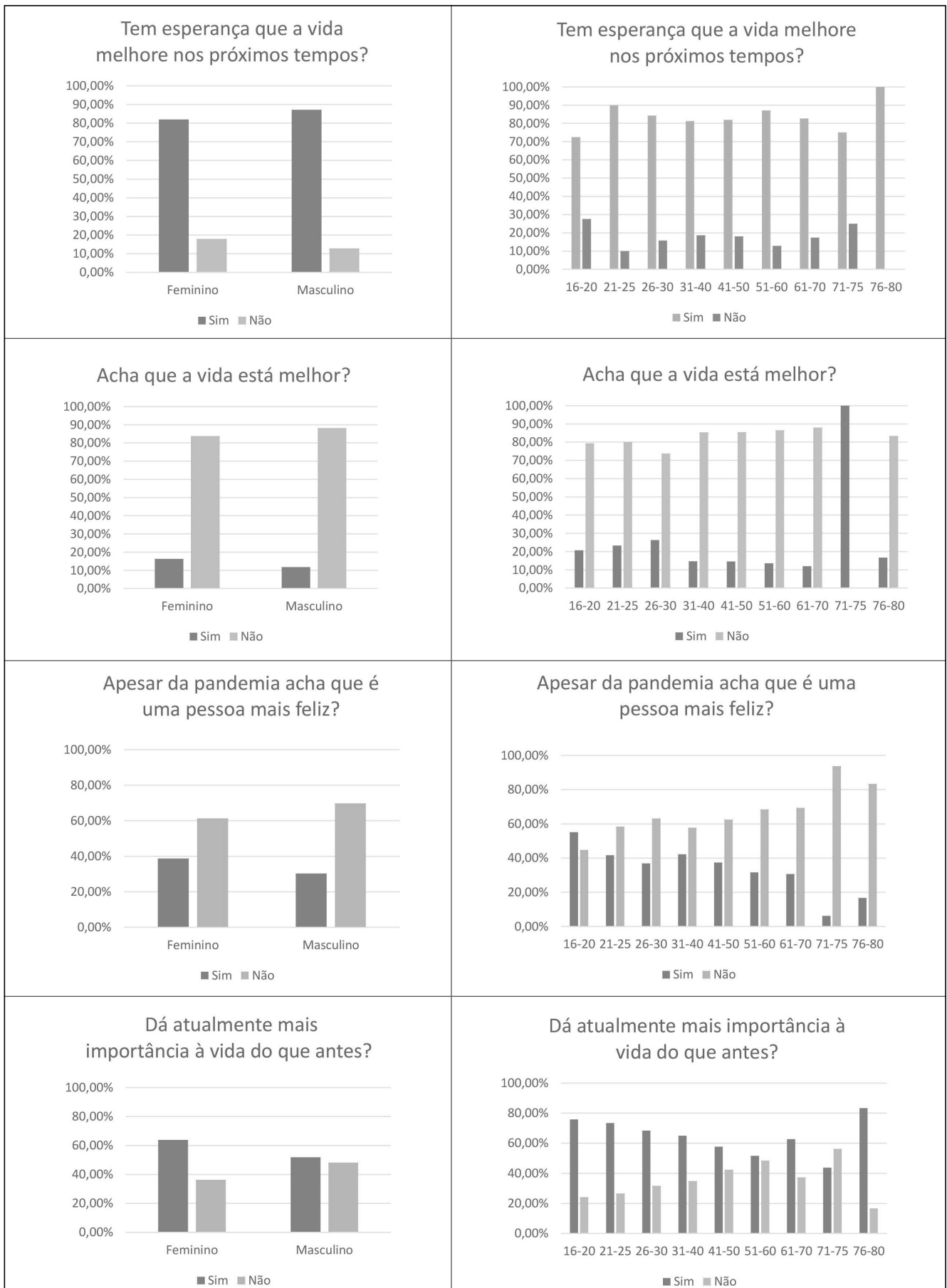
- Resultado mais expressivo: 92% das pessoas do que sentem mais falta é de conviver com as pessoas podendo tocar-lhes. Desdobrando os resultados: 53% no que respeita a familiares e 39% referindo-se a pessoas amigas, sem diferenças significativas entre homens e mulheres. Sendo os respondentes instados a optar, o café e o restaurante, respetivamente com 3% e 5%, ficam a uma distância considerável.
- Ainda que revelando 82% dos inquiridos ter possibilidade de fazer férias, só 30% afirmam sentir agora mais vontade de viajar, não se constatando diferenças importantes entre os dois géneros. Já quanto às principais razões valorizadas pelos que têm vontade

de viajar, 52% (49% os homens) acham que é para ter experiências novas e 48% (51% os homens) para se sentirem mais livres.

- No que respeita a destinos preferidos de férias, uma larga maioria (60%) pretende ficar em Portugal, optando em primeiro lugar 45% pela praia (71% as mulheres) seguindo-se o campo com 30% (73% as mulheres). O turismo urbano, com 5% das opções, não é muito procurado (representando os homens 52% dos respondentes que escolheram esta opção). 25% das pessoas opta por permanecer no local onde habitualmente reside (72% dos respondentes do género feminino). Por sua vez, os hotéis são escolhidos por 9% dos respondentes (de entre estes 60% são mulheres) enquanto 10% prefere os apartamentos (de entre estes 74% são mulheres também). O campismo ou caravanismo constam das intenções de 6% dos respondentes, de entre estes 69% do género feminino.
- Quanto a meios de transporte, o automóvel ganha uma clara preferência com 32% das opções, seguindo-se o avião (5%), a bicicleta (2%) e a camioneta (1%).

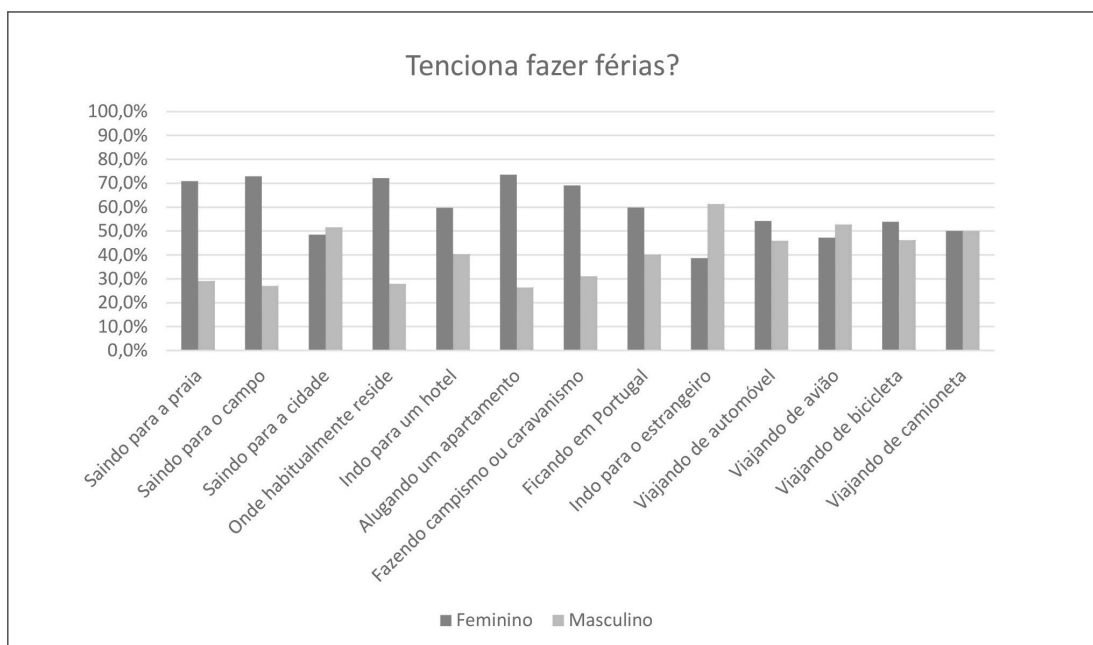
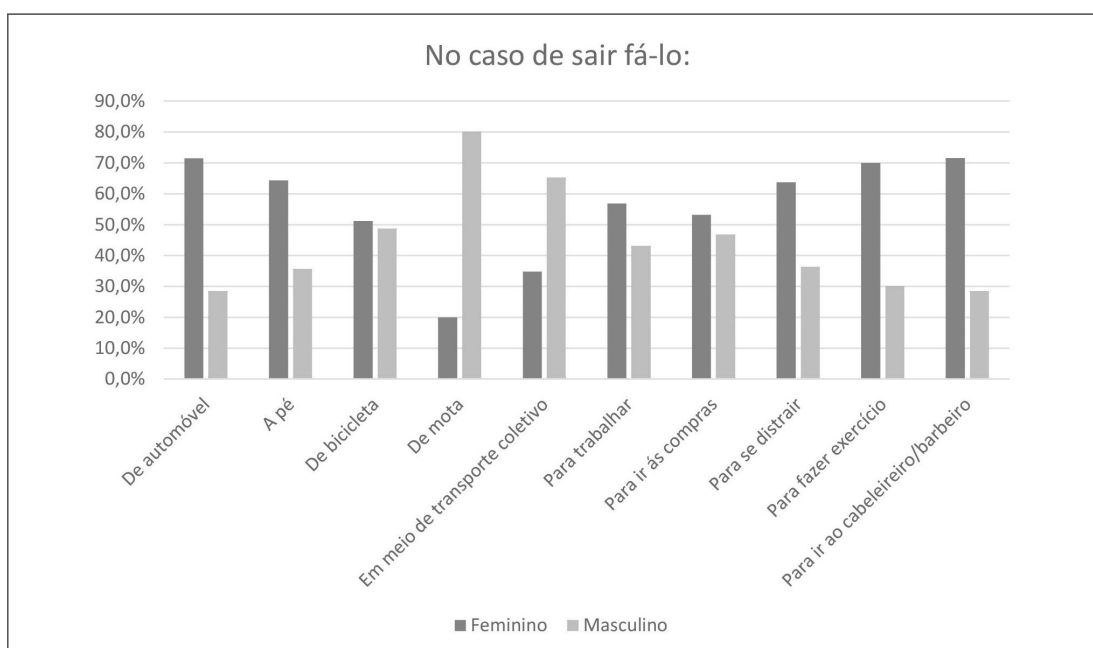
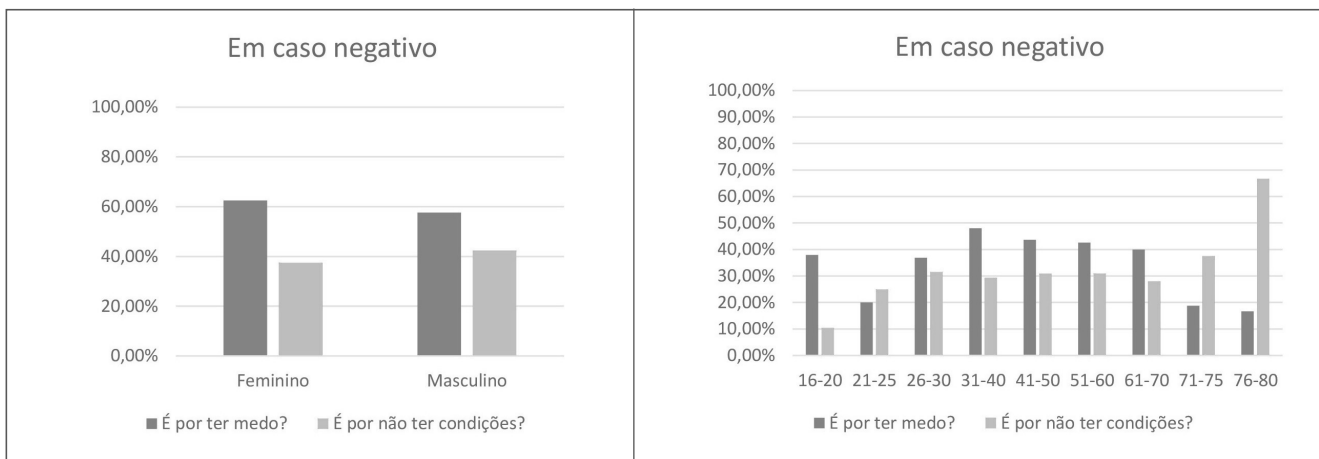








Percursos & Ideias



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUER, R.; DYMITROW, M.; TRIBE, J. (2019), "The impact of tourism research", in *Annals of Tourism Research*, vol. 77, pp. 64-78.

KOSEOGLU, M. A.; MEHRALIYEV, F.; XIAO, H. (2019), "Intellectual connections in tourism studies", in *Annals of Tourism Research*, vol. 79, 102760.

SOICA, S. (2016), "Tourism as practice of making meanings", in *Annals of Tourism Research*, vol. 61, pp. 96-110.

SPINOZA, B. (2013), "Bonheur individuel et Bonheur collectif", in Frédéric Lenoir, *Du bonheur, un voyage philosophique*, Paris: Fayard, pp. 113-119.

WOODSIDE, A. G.; MARTIN, D. (2015), "The tourist gaze 4.0: uncovering non-conscious meanings and motivation in the tourists tell of trip and destination experiences", in *Journal of Tourism Anthropology*, vol. 4, n.º 1, pp. 1-12.

ANEXOS – Inquéritos por questionário

Anexo 1 – Inquérito 1

1. Idade

- 16-20 anos
- 21-25 anos
- 26-30 anos
- 31-40 anos
- 41-50 anos
- 51-60 anos
- 61-70 anos
- 71-75 anos

2. Ocupação

- Empregado/a
- Empresário/a
- Estudante
- Reformado/a
- Desempregado/a
- Trabalhador-estudante

3. Teletrabalho

- Sim
- Não

4. Habilitações

- Ensino básico
- Ensino secundário
- Ensino superior

5. Local onde vive

- Norte interior
- Norte litoral
- Centro interior
- Centro litoral
- Sul
- RA Madeira
- RA Açores

6. Género

- Feminino
- Masculino

7. Estado civil

- Solteiro/a
- Casado/a
- União de facto
- Viúvo/a

8. Desde o início do estado de emergência e do confinamento:

- Está a respeitar o confinamento/permanência na habitação?
- Tem ido ao supermercado ou mercearia?
- Tem ido à farmácia?
- Sai para comprar tabaco?
- Tem saído para caminhar um pouco?
- Tem feito passeios longos?
- Quando sai convive com amigos/as ou familiares?
- Vê televisão?
- Ouve rádio?
- Lê jornais?
- Utiliza a internet?
- Procura informações nas redes sociais?
- Passa tempo a ler, ouvir e/ou ver notícias?
- Passa tempo a fazer jogos no computador?
- Passa tempo a jogar cartas, jogos de tabuleiro ou outros?
- Faz exercícios físicos em casa?
- Pratica atividades religiosas?
- Sente-se mais só?
- Os amigos procuram-no/a?
- Os familiares procuram-no/a?
- Quando procura familiares ou amigos estes estão disponíveis para si?
- Tem-se irritado muito?
- Tem discutido muito com pessoas próximas de si?
- Tem dado conselhos a familiares ou amigos sobre a melhor maneira de viver na atual situação?
- Tem recebido conselhos de familiares ou amigos?
- Tem lido livros ou revistas?
- Sente-se ansioso/a?
- Toma sedativos?
- Come mais?
- Sente que vai perder amizades?

- Sente que os laços com a família vão ficar menos fortes?
 - Sente mais necessidade de ajudar os outros?
 - Se tem um ou mais animais de companhia estes têm sido importantes?
 - Fica receoso com a perspectiva de o país ficar economicamente pior?
 - Pensa no que anteriormente fazia e agora não pode?
 - Sente que está a perder tempo de vida?
 - Sente vontade de chorar?
 - Sente alegria?
 - Está preocupado/a com o que se passa nos outros países?
- 10. Apesar da pandemia acha que é uma pessoa mais feliz?
 - 11. Com a pandemia acha que é uma pessoa mais infeliz?
 - 12. Dá atualmente mais importância à vida do que antes?
 - 13. Do que sente mais falta:
 - a) De ir ao café?
 - b) De ir ao restaurante?
 - c) De conviver com as pessoas amigas podendo tocar-lhes?
 - d) De conviver com todos os familiares podendo tocar-lhes?
 - 14. Tem possibilidade de fazer férias?
 - 15. Em caso afirmativo, tenciona fazer férias:
 - a) Saindo para a praia?
 - b) Saindo para o campo?
 - c) Saindo para uma cidade?
 - d) Onde habitualmente reside?
 - e) Indo para um hotel?
 - f) Alugando um apartamento?
 - g) Fazendo campismo ou caravanismo?
 - h) Ficando em Portugal?
 - i) Indo para o estrangeiro?
 - j) Viajando:
 - k) De automóvel?
 - l) De avião?
 - m) De bicicleta?
 - n) De camioneta?
 - 16. Com a pandemia covid-19 sente mais vontade de viajar?
 - 16. Em caso afirmativo:
 - a) Para ter experiências novas
 - b) Para se sentir livre
 - 17. Em caso negativo:
 - a) É por ter medo?
 - b) É por não ter condições?

Anexo 2 – Inquérito 2

1. Tem-se mantido em casa ou continua a sair o mesmo do que antes?
2. Passou a sair mais de casa?
3. No caso de sair fá-lo:
 - a) De automóvel?
 - b) A pé?
 - c) De bicicleta?
 - d) De mota?
 - e) Em meio de transporte coletivo?
 - a) Para trabalhar?
 - b) Para ir às compras?
 - c) Para se distrair?
 - d) Para fazer exercício?
4. Tem medo de sair?
5. Atualmente convive com mais pessoas amigas do que antes da pandemia?
6. Atualmente convive mais com os seus familiares do que antes da pandemia?
7. Sente que com o confinamento perde ou perdeu tempo de vida?
8. Tem esperança que a vida melhore nos próximos tempos?
9. Acha que a vida está melhor?